A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 50 | Domingo 10 de dezembro | 1893

ANTONIO CANDIDO

ACCEDENDO a escrever de Antonio Candido, um unico sentimento me determina: o dever de não faltar ao meu grande e querido amigo com uma das mais custosas provas da minha admiração e da minha amizade. Mas que tem com isso o leitor? Nada, bem o sei, e é justamente por isso que o sacrificio em acceitar o honroso convite que me foi feito não poderia ser maior. O publico, porém, a quem Antonio Candido pertence, ao contemplar n'esta pagina a physionomia d'elle nem sequer reparará na incompetencia e na obscura humildade da penna que traça estas linhas, e facilmente supprirá o que n'ellas faltar sem dever faltar.

O perfil moral, litterario e politico de Antonio Candido não venho eu fazel-o aqui; está já feito ha muito e por quem o sabia fazer com mão de mestre. Esboçou-o rapida e enthusiasticamente ha seis annos um escriptor de grande pulso no jornal *A Provincia*, e delineou-o depois mais detidamente Maria Amalia Vaz de Carvalho na sua excellente obra *Alguns homens do meu tempo*. Para lá remetto o leitor, se o leitor precisar ainda de que lhe ponham em todo o relevo a nobre e sympathica effigie que illustra esta pagina. Não supponho que assim aconteça. Antonio Candido é hoje uma das nossas maiores glorias litterarias e parlamentares, um dos nossos homens publicos mais geralmente estimados e respeitados, é o grande orador que ninguem desconhece. O estudo do que elle tem feito em quasi vinte annos de vida publica daria objecto para um volume a quem o pudesse escrever. E quem o podesse escrever! Tenho deante de mim, sobre a minha meza, todas as suas obras impressas, o rasto fulgurante do seu alto e generoso pensamento; e, dispondo de pouco mais que o tempo materialmente necessario para escrever estas linhas, nem sequer posso prestar aqui ao meu grande amigo e aos leitores o humilde serviço de recordar, com as datas e os titulos d'essas obras, as circumstancias em que ellas foram produzidas e publicadas, e o modo como foram acolhidas e festejadas pela opinião e pela critica!

Evocando mentalmente todo o passado de Antonio Candido, transportando-me aos tempos saudosos em que pela primeira vez o conheci em Coimbra, interrogando as esperanças que desde logo a academia inteira e dentro em breve toda a nação puzeram no talento e no caracter d'este homem, sinto a impressão consoladora que se experimenta ante um destino glorioso e fecundo, honrada e plenamente preenchido; e todas as bençãos do meu coração cahem sobre a cabeça do amigo, como se não fosse ainda em meio a sua brilhante carreira publica, como se elle houvesse repousado já na paz d'aquelle pensamento que para a sua morte de ante-mão traz escolhido: «Se, na derradeira hora, a consciencia me disser que não fui mau para os que estiveram perto do meu coração ou se encontraram alguma vez na pequena esphera intellectual do meu espirito, morrerei em paz.»[1] Sim, póde confiadamente o grande tribuno, não ainda descançar na

[1] Discursos e conferencias, pag. XXXI.

morte, mas viver e trabalhar em paz largamente, a continuar os nobilissimos exemplos de que a sua vida está repleta: a honestidade sem suspeita, a bondade sem reserva, a sinceridade, a abnegação, o mais acendrado civismo, o culto fervoroso da arte e da sciencia, o alto amor do bem e da verdade. Pouco poderá já accrescentar ao lustre do seu nome; mas os beneficios que a sua prestigiosa palavra, que a sua acção politica podem derramar ainda entre os seus compatriotas, representam-se-me superiores a toda a medida, como são decerto incalculaveis já os que de todo o seu passado se diffundem. Para mim só agora é que por ventura Antonio Candido se achará em plena posse de si mesmo, com a sua reputação de longe feita, com todos os triumphos alcançados, com todas as consagrações a que os seus talentos lhe davam direito. Tudo o que tem feito e conseguido, que é tanto, pouco é ainda em relação ao que póde e deve fazer. Que o desalento o não invada, que a sua bocca não emmudeça, que elle se não deixe adormecer á sombra dos louros colhidos! Toda a sua larga vida publica, tão cheia de glorias, não deverá ser por elle considerada senão como o introito de um destino verdadeiramente superior e verdadeiramente grande, em meio do qual lhe seria impossivel o parar. Tem a sua tribuna politica, tem a sua tribuna academica, tem segurissimos os applausos e o dominio da opinião: que estimulos lhe faltam? Ainda que os seus conterraneos o não escutassem devidamente, a posteridade o continuaria ouvindo. A patria precisa dos altissimos serviços do seu talento e da sua palavra; da sua palavra principalmente, que é esta a sua grande, a sua maxima força. A influencia dos seus eloquentissimos ensinamentos será de certo tanto maior, quanto mais livre e solta das mesquinhas contenções partidarias elle a souber florear. Deixe para outros, aliás menos bem nascidos, para os *habeis*, para os *praticos*, as subalternas funcções de governar a nação; o seu poder é mais alto que esse, é o poder espiritual da sciencia e da arte, mananciaes divinos d'onde toda a vida social deriva pura. De resto, ainda que Antonio Candido o quizesse, ainda que a desordenada e fortuita, a impetuosa carreira dos acontecimentos o impellisse para outros caminhos, nem elle poderia deixar de continuar a ser o grande orador que é, nem lograria reconhecer-se e egualar-se a si mesmo em outros destinos.

Foi no pulpito que elle se fez. Quasi lhe nasceu e alli se lhe formou o seu formoso espirito, no qual as impressões da sua educação e da sua infancia, despertadas entre a grandeza melancholica e contemplativa das suas montanhas e os cultos religiosos do seu presbyterio, gravaram um cunho indelevel de elevação moral e de mysticismo idealista, que teem formado o fundo precioso de toda a sua alma, atravez das phases tão diversas da sua existencia.

Como orador sagrado não teve competidor, alcançou tambem uma superioridade unanimemente reconhecida e admirada. Os delicados e escrupulosos motivos que o obrigaram a descer d'essa tribuna, explica-os elle ingenuamente nas seguintes palavras: «Não me referirei aqui ás rasões que me fizeram descer da primeira tribuna que occupei. Receio não saber exprimir, produzindo essas rasões, o profundo, amoravel respeito que tenho por aquella tribuna, onde, na minha mocidade, experimentei os gosos espirituaes mais intensos, e para a qual tantas vezes volvo ainda os olhos maguados, depois de perguntar a mim mesmo: por que não é ella como eu desejava que fôsse; ou por que não serei eu como ella exige que sejam os que podem aproveitar-se do seu prestigio, ainda hoje tão grande, apesar de diminuido do que foi?!...»

Abandonado por elle o pulpito, encontrou depois a Universidade em Antonio Candido um professor modelo, inexcedivel na largueza e profundidade das suas vistas, no rigor philosophico dos seus methodos de investigação e dogmatisação scientifica, e raramente egualavel na eloquencia da sua exposição, que era todo o encanto dos seus discipulos.

As suas lições, se o seu tirocinio no magisterio não fosse tão curto, se elle tivesse tido o tempo necessario para as aperfeiçoar como sabia e podia, abririam seguramente mais amplos horisontes ás sciencias que professava, e contribuiriam poderosa e notavelmente para a definitiva constituição d'ellas nas suas novas bazes.

Mas ainda n'esse campo não impedia a austera disciplina dos seus criterios que o pensamento lhe voasse irresistivelmente por sobre o chão árido e duro dos factos concretos e das correlações scientificas, acima das syntheses mais altas e abstractas da sciencia positiva, solto na aza fulgida de uma imaginação essencialmente poetica, sedento de ideal e de belleza, a embeber-se e enebriar-se nos espaços luminosos de um absoluto tanto mais fascinador quanto intangivel.

Ainda n'isso era elle o grande artista que tem sido.

Era tambem já então, mas notabilisou-se enormemente depois, o tribuno que todos conhecem e admiram, porque estava então plenamente no seu officio e no seu meio. A sua reputação como orador parlamentar, como conferente litterario, não se discute já hoje, é uma gloria nacional soberanamente consagrada. Foi surprehendendo-o n'essas titanicas luctas da palavra que uma penna magistral, habituada á serena imparcialidade da historia, escreveu d'elle o seguinte: «Pela

sua mente impressionavel passam as ideias do tempo como os raios do sol pela placa sensivel do photographo, e as imagens fixam-se com a mesma nitidez e fidelidade. Pela sua alma ingenua passam, como por um philtro, as ondas da corrente dos factos e ahi se depuram para surgirem depois transparentes e crystallinas. E factos e ideias, animados e illuminados pela sua imaginação creadora, borbulham-lhe dos labios no caudal d'uma palavra incomparavel de atticismo, de colorido, de propriedade, que são as qualidades artisticas do orador, combinado com um gesto e uma voz que não mente quando exprime a energia mascula, a convicção ingenua, a indignação fremente ou a caridade pura, que são as qualidades moraes do homem.» [1]

Não resisto ainda á tentação de aqui transcrever, para os que a não conheçam, uma outra apreciação magistralmente pensada e escripta por penna não menos versada nos labores da critica litteraria: «Como orador e como artista, Antonio Candido não pertence á raça impetuosa e enflammada de Castelar ou de José Estevão. Educado, como já disse, pelos processos da sciencia positiva, tão disciplinadora e tão methodica; não se deixando nunca possuir pelo seu assumpto, antes possuindo-o, subjugando-o, vencendo-o, torcendo-o a todas as magicas flexibilidades da forma mais correcta e mais superiormente bella; despresando os artificios de uma rethorica envelhecida e inane; sem nunca se deixar ir atraz das seducções um tanto serodias da pompa e da exhuberancia oratorias; possuindo uma razão clara e lucida, um poder de critica muito notavel, elle é justamente o orador moderno tal como os auditorios d'hoje teem o direito de exigir... O orador que impressiona mas que persuade, que tem o brilho e a côr, a illuminação e o prestigio, mas que tem tambem o facto, o documento, a demonstração scientifica, a comprehensão positiva das cousas.» [2]

Mais tarde e ainda recentemente foi Antonio Candido chamado aos conselhos da corôa, e, sob a presidencia do veneravel general João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, encarregou-se da pasta dos negocios do reino e da instrucção publica. A sua acceitação do encargo representa antes um nobilissimo sacrificio do que a realisação de uma ambição que não tinha, e que de muito poderia ter satisfeito. Ainda aqui me persuado de que o serviço que prestou foi de um preço inestimavel, em uma epoca de crise temerosa, quando a nação subitamente abalada em todos os seus fundamentos e sob o perigo de uma ruinosa guerra civil, se achava abandonada dos seus partidos militantes, dos seus timoneiros experimentados; quando um nome de menos prestigio e um espirito menos elevado e menos conciliador que o seu, teriam sem duvida aggravado as difficuldades governativas, em vez de as moderar como elle o conseguiu.

O vasto cabedal do seu saber, a sua meditação e estudo de todas as questões que interessam ao governo de uma nação, o seu cabal conhecimento das condições historicas da nossa sociedade politica, das necessidades evolutivas do nosso meio social, dão a Antonio Candido os mais serios e fundamentados foros de estadista; e poder-lhe-hiam ter inspirado planos de reformas sabiamente delineadas e opportunamente conduzidas, se a sua curta permanencia no poder lhe desse tempo para a realisação de todo o seu pensamento governativo.

A sua vida ministerial não lhe deve ter deixado saudades do mando, porque lhe não sentiu senão as amarguras, conhecendo então de certo que os espinhos do poder não são apenas uma phrase rhetorica.

Antonio Candido é em politica conservador liberal, por entender, com o seu mestre Littré, que os perigos que a sociedade actual corre, não proveem da falta de liberdade, a qual se acha profundamente radicada nos costumes geraes e é indestructivel, mas sim da falta de ordem, não menos necessaria aos interesses da civilisação.

O grande tribuno tem faculdades um pouco mais altas que as requeridas para governar; tem as que são precisas para governar os que governam. Uze d'estas, para bem da nação, e deixe aquellas em quanto possa.

Do seu passado tão bem preenchido, dos seus raros e privilegiados talentos tire o honesto cidadão e grande tribuno exemplo e incitamento para o seu futuro: sirva a patria e accrescente-se em novas glorias.

São estes os votos que formula, do fundo da sua obscuridade, quem, não tendo outro merito que o da estima do seu grande amigo, ambicionaria a penna de Plutarcho para com ella escrever estas linhas, e guardará perpetuamente no seu coração a ineffavel satisfação d'este momento.

José Cabral.

[1] *Perfis parlamentares*, publicados no jornal *A Provincia*, n.º 159, de 19 de julho de 1887.

[2] *Alguns homens do meu tempo.*

CHRONICA ELEGANTE

Apesar de ainda florirem nas lapellas de alguns janotas as *chrysantèmes*, não se póde duvidar de que o verão se despediu ha muito de nós, e que a aspereza da temperatura está de ha muito convidando para as festas dos salões, onde o brilho dos lustres e o calor dos fogões permitte que os calos mais mimosos e delicados se apresentem, sem o resguardo das preciosas pelliças, que, ao saltar das carruagens se abandonam nos vestiarios.

Parece que antes do Natal não terá a nossa chronica de registrar nenhum baille dos que se projectam para este inverno. E nem o contrario costuma succeder entre nós. É em geral depois do patriarchal *reveillon* que a nossa sociedade realisa as suas festas mais deslumbrantes. Succedem-se então as *matinées* e os bailles, qual d'elles mais sumptuoso e mais animado.

Apesar, porém, de estar ainda um pouco distante o primeiro baille, a nossa sociedade já esta semana deu assumpto para esta chronica.

Tres jantares, e tres jantares muito elegantes, foram offerecidos pelo corpo diplomatico.

Na terça-feira, banquete na legação de Inglaterra, a que assistiram as sr.as Marqueza Oldoini, Madame Godel-Lanoy, Madame Veraeghe, Madame Blondel, Baroneza de S. Pedro, D. Maria Luiza de Sá Pereira; e os srs. Nuncio de Sua Santidade e auditor, ministro da Belgica, ministro da Austria, Barão de S. Pedro, Blondel, encarregado de negocios de França, Conde Cronhielm e Thoruhill, secretario da legação ingleza.

Na quarta feira, jantar na legação da Russia. Eram convidadas as sr.as D. Grimareza Vianna de Lima, Madame Godel-Lanoy, Madame Veraeghe, Madame Bacheracht; e os srs. ministro do Brazil, ministro d'Austria, ministro da Belgica, secretario da legação da Russia e Oliveira Soares.

Na quinta-feira, jantar na legação de Italia, ao qual assistiram as sr.as Marqueza do Funchal, Viscondessa d'Asseca, D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Sousa D. Joanna Hintze Ribeiro, D. Maria de Menezes; e os srs. Presidente do conselho, Duque de Loulé, Visconde d'Asseca, Antonio de Vasconcellos e Sousa, Verhaeghe, Bellow, Carlos Bocage e D. Francisco Galvêas.

Qualquer dos *menus* era delicadissimo. E tanto que qualquer *gourmet* podia adquar ao caso os conhecidos versos de Camões:

Mais vale experimental-o que julgal-o,
Mas julgue o quem não póde experimental-o

Findos os jantares, e emquanto se fumavam os charutos que acompanhavam os licores preciosos, formaram-se grupos em que se conversou animadamente.

Madame Mac-Donel, Madame Schévitch e a Marqueza Spinola fizeram as honras da casa, penhorando a gratidão dos seus convidados pelas gentilezas com que os receberam.

Parece que depois do natal, a sr.a Marqueza Spinola abrirá semanalmente os seus salões para uma serie de *soirées* dansantes, que promettem ser animadissimas e ás quaes concorrerá tudo o que ha de mais distincto e de mais elegante na nossa sociedade.

GRAZIEL.

FOLHETIM

A ABOBADA

II

Dizendo isto, o architecto mettera ambas as mãos no cinto, estendera a perna direita excessivamente empertigada e, com a fronte erecta, volvera os olhos solemne e lentamente para os circumstantes.

«Mestre Ouguet — acudiu el-rei, com aspecto severo — lembraevos de que Affonso Domingues é o maior architecto portuguez. Não entendo de vossas distincções de sciencia e de engenho: sei só que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no seu paiz os mais afamados edificios do mundo: e esse mestre Affonso, de quem vós falaes com pouco respeito, foi o primeiro architecto da obra que a vosso cargo está hoje.»

«Vossa mercê me perdoe — tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara. — Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguem o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do mui excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Winchestria tamanho ruido tem feito no mundo.»

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal que dava para a casa do capitulo. Frei Lourenço Lampreia, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a el-rei no momento de entrar e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa tambem principalissima n'aquelle logar, collocou se junto do umbral fronteiro, repetindo com aspecto sobranceiro-risonho as mesuras do mui devoto padre prior.

Quando el-rei entrou dentro d'aquella espantosa casa, apenas através da grande janella que a alumia entrava uma luz frouxa, porque o sol estava no fim de sua carreira, e o tecto profundo mal se divisava sem se affirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara á porta, mas Frei Lourenço tinha entrado.

«Reverendo prior — disse el-rei, voltando-se para Frei Lourenço — vim tarde para gosar d'esta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e ámanhã voltaremos aqui a horas de sol.»

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando já os ultimos cavalleiros do sequito real iam sahindo pelo lado opposto, caminho da igreja. Com as mãos mettidas no cinto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou até o meio d'aquella desconforme quadra. O som dos passos dos cavalleiros tinha-se desvanecido, e mestre Ouguet dizia comsigo, olhando para a porta por onde elles haviam passado:

«Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um paiz safaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes ou, se quer, de entendel-os?... Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a elle; eu que vi

Do livro encantador de João de Deus — *Campo de flores* — escolhemos a formosa poesia, que em seguida publicamos, honrando assim as columnas da *Semana de Lisboa*.

HERESTA

A José Falcão

Que magua ou que receio
Dos olhos te desata
Esse collar de prata
No jaspe do teu seio?

Bem intima ser deve
A pena que te opprime,
Flor tenra como o vime
E pura como a neve!

— Compunge-te isso, doe-te
Ver esmaltando o calix
Da erma flor dos valles
O balsamo da noite?

Se aos olhos nos affluem
As lagrimas parece
Que a dôr nos adormece,
E as maguas diminuem.

— Heresta! pois inclina
Na minha a tua face,
Deixa que me repasse
Teu balsamo, bonina!

Abraça-me, divide
Commigo esse consolo!
Enlaça-te ao meu collo
Como ao olmeiro a vide!

Ás vezes tambem quando
Os olhos se me estendem
Ás luzes que se accendem
No templo venerando;

Tão intima saudade;
Tão intimo desejo
De um mundo que não vejo,
Me inspira a immensidade,

Que o pranto se agglomera
Na palpebra onde morre...
Sim, gela-se, não corre,
Tal é a dôr que o gera!

— É Deus que a si te aspira,
É Deus que ao céo te chama;
Que em tudo amor derrama,
A tudo amor inspira!

Canta-o, o Justo, o Santo!
E a flor que o campo adorne
Thuribulo se torne
Ouvindo o doce canto

— Inspira-o pois, inspira,
Virgem de intacto pejo!
Seja um teu riso o harpejo,
E um teu cabello a lyra!

«O sol já da montanha
Nos disse adeus! adeus!
E a cupula dos céos
Ficou pallida e extranha.

«E aquella que a bondade
De Deus em si reflecte,
Em quanto ao sol compete
Mostrar-Lhe a magestade,

«Á luz extrema de hoje
Ergueu livida a face
Com medo que avistasse
Quem busca, e de quem foge!

«Fluxo e refluxo eterno
De alma contradictoria
Que após continua gloria
Anda em continuo inferno!

---

os mysterios de Coventria e de Widkirk! Miseraveis selvagens, antes de tentardes representar mysterios, fôra melhor que mandasseis vir alguns irmãos da sociedade dos escrivães de parochia de Londres, que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e tregeitos usados em semelhantes autos.»

Mestre Ouguet estava embebido n'este mudo soliloquio em louvor da nação que lhe dava de comer, e, o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciencia, da nação que lhe dava de beber, quando, erguendo casualmente os olhos para a macissa abobada que sobre elle se arqueava, fez um gesto de indizivel horror e, como doudo, correu a bom correr pela crasta solitaria, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços:

«Oh, malaventurado de mim!»

III

Junto a uma das columnas da igreja de Sancta Maria da Victoria estava alevantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho e lavrada de curiosos bestiães e lavores. Era este o logar onde el-rei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia varios assentos rasos, para n'elles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e collocado ao pé do arco da capella do fundador, corria para um e outro lado da parede um devoto presepio, meio erguido do chão e representando serranias agrestes, ao sopé das quaes estava armada uma especie de choça, onde, sobre a tradicional manjadoura, se via reclinado o menino Jesus e, de joelhos junto d'elle, a Virgem e S. José, acompanhados de varios anjos, em acto de adoração. Diante da cabana e no mesmo nivel, corria um largo e grosseiro cadafalso de muitas taboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que el-rei sahiu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Frei Lourenço, que, com todos os modos de homem cortesão, offereceu os assentos rasos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia sahiram logo as primeiras figuras do auto, as quaes, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vinham adiante representavam a Fé, a Esperança e a Caridade: após ellas, vinham a Idolatria, o Diabo e a Soberba; todas com suas insignias mui expessivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, com um rabo que lhe arrastava pelo tablado e seu forcado na mão, mui vistoso e bemposto. Feitas as venias a el-rei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero humano, ao que a Fé acudia com dizer que, *ab initio*, estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha, lamentando-se de que a Esperança co-

«Poeta! é copia tua,
Supplicio egual te inquieta!
Mas que alma de poeta
Teu seio arqueia, oh lua?

«Amor! amor como este,
Visão timida e casta,
Em giro eterno arrasta
A lampada celeste!

«Como esse que a deshoras
A ti te ergue a cabeça
E aos ermos te arremessa
Em busca do que adoras.

«Mas ah! pallido globo!
É pio de ave nocturna?
Echo em alguma furna
Do uivo de algum lobo?

«Oiço uma voz... escuta:
É ella a voz que se ouve,
Ou monge que inda louve
A Deus de alguma gruta!

«Quem lá em baixo á escarpa
Do ingreme penedo
No tremulo arvoredo
Entorna os sons de uma harpa?

«É ella a minha Heresta,
A minha branca ermida
Do ermo d'esta vida
Mais erma que a floresta?

«Ah vulto meu querido!
A que ergue ella o seu braço?
Es tu?... Vae, cruza o espaço,
Minha alma, n'um gemido!

«Tu, lua, que no valle
De Aialon paraste,
Já viste em sua haste
Suspenso lirio egual?

«Não é, não é mais bella
A rosa entre os abrolhos,
Nem ha como os seus olhos
No céo nenhuma estrella!

«E á luz de uma alvorada
Apenas desabrocha,
Nos angulos da rocha
Vel-a despedaçada!

«Vós, lobos! ide em bando,
Trepae pelo rochedo,
Uivae, mettei-lhe medo,
Levae a recuando!

«Que faz quem se approxima
De um precipicio, diz-m'o?
Que buscas tu no abysmo
Se o céo é lá em cima?

«Não tarda muito, creio,
Que acabe esta ancia nossa,
E Deus unir-nos possa
No seu eterno seio!

«É lá que a alma fala,
Lá que o amor se mede,
Que em brilho o sol excede,
E em gloria a Deus eguala!

«Na nuvem do futuro
Teus vagos olhos prega!
Depois de noite negra
Vem sempre um céo mais puro!»

E agora se o desejo
Te satisfiz, em premio
De um canto de alma gemeo,
Um gemeo e doce beijo!

João de Deus.

meçasse de entrar nos corações dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao démo por vêr as perrarias que a Esperança lhe fazia; e, com isto, careteava, com taes momos e tregeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possivel. Ainda que o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo que ella obedecia ao senhor de toda-las cousas, e que este, vendo e considerando os grandes desvarios que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandara para lhes apontar o direito caminho do céu; e por aqui seguia com razões mui devotas e discretas, que moveriam a devotissimas lagrimas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com seus tregeitos e esgares, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica de que fielmente vamos transcrevendo esta veridica historia. A Soberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou d'ella mui rijo e, com voz turvada e rosto acceso, começou de bradar que esta dona era sandía, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros e sustental-os com fumo; que pretendia, contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no céu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia e fóra da geral opinião e direito; indo por aqui discursando com remoques mui orgulhosos, como a Soberba que era. Não soffreu, porém, o animo da Caridade tão descomposto razoar da sua figadal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mão n'aquelle ponto e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Soberba inventara as vãs distincções entre os homens, e que á vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente á sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Soberba ficou mui corrida, por não ter contra tão grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo e a Soberba, e annunciar ás tres virtudes que as ia elevar ao céu, onde reinariam em gloria perduravel. Então o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pela mão ás suas companheiras e fugiu pela igreja fóra, com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo (por uma d'aquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admittem, quando, nas vistas de marinha, o actor que vem embarcado desce dois ou tres degraus das ondas de papelão para a terra de soalho) em vez de subir ao céu, como annunciara, desceu pelas pranchas que davam para o pavimento da igreja, e, caminhando ao longo da nave, se recolheu á sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tão victoriadas pelos espectadores, como apupados tinham sido o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, sahiram os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina téla, mantos reaes, e coroas na cabeça. Adiante vinha Balthasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorisado e com umas barbas, postoque brancas, bem povoadas: logo após elle, vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar.

Alexandre Herculano.

(Continúa)

Anniversarios da semana

Domingo 10 — As sr.as: Viscondessa de Duprat, D. Guilhermina Serzedello Iglezias, D. Laura Georgina Santos.

E os srs.: D. Martinho d'Almeida, Dr. Agostinho Lucio da Silva, Dr. João Rivara, José Alves Ribeiro Trony, Alberto Batalha Reis, Eduardo de Barros Lobo.

Segunda-feira 11 — As sr.as: D. Guilhermina Pereira Castellar, D. Eugenia Lobo da Silveira (Alvito).

E os srs.: D. Rodrigo de Sousa (Rio Pardo), Dr. Illydio Ayres Pereira do Valle, Reis Damaso, Julio Cesar de Sá, Antonio Christiano Pereira de Figueiredo, Manuel Augusto de Vasconcellos Ferreira.

Terça-feira 12 — As sr.as: D. Maria da Conceição de Sousa Mello Queiroz Pimenta da Gama, D. Maria Emilia Folkman, D. Claudina Chamiço, D. Sophia d'Almeida, D. Clotilde da Cunha Belem, D. Guilhermina Lobo d'Avila.

E os srs.: Conselheiro José de Mello Gouveia, Manuel Garcia da Motta Pessoa de Amorim e Vasconcellos, Francisco Teixeira de Sampaio, José Taibner de Moraes, José Justino Cardoso Teixeira.

Quarta-feira 13 — As sr.as: D. Emilia Telles da Gama, D. Maria da Madre de Deus Azevedo Coutinho, D. Ludovina Rosa dos Anjos, D. Maria da Conceição Cabral Couceiro.

E os srs.: João Anastacio da Cunha, Manuel de Vilhena, Julio de Castro Noronha.

Quinta-feira 14 — As sr.as: D. Marianna Amelia Frazão de Miranda (Berthelinho), D. Maria do Carmo Barreiros Arrobas de Portugal, D. Emilia Adelaide dos Santos Costa, D. Maria Anna da Motta Portocarrero da Camara, D. Laura Adelaide da Costa Freire.

E os srs.: Conselheiro José Luciano de Castro, Conde do Lavradio, Visconde de Ribamar, D. Miguel Pereira Coutinho (Soydos), D. Manuel da Cunha e Menezes (Lumiares), Eduardo Caldeira (Borralha), Bernardo de Almada e Castro Villas Boas (Azenha), José Arthur Patricio Alvares.

Sexta-feira 15 — As sr.as: Condessa da Guarda, Viscondessa do Reguengo, D. Mathilde Corrêa Henriques (Seisal), D. Maria Isabel Mourão de Madureira (Bovieiro), D. Maria Angelina Amaral de Moraes Sarmento (Torre de Moncorvo), D. Maria das Dôres de Eça e Albuquerque Lobato, D. Margarida Telles de Oliveira, D. Laura Nunes Perestrello de Vasconcellos.

E os srs.: João Maria Falcão Cotta e Menezes (Azevedo), Luiz de Sousa e Silva (Santa Cruz), Simão Infante (Torre da Murta), Dr. Manuel Joaquim d'Oliveira Feijão, Francisco Perestrello, José Perestrello de Vasconcellos, Candido Carlos Lagranje.

Sabbado 16 — As sr.as: D. Camilla Blanco, D. Maria Carlota da Luz Rego, D. Antonia de Moura Mendonça Pessanha, D. Maria Xavier d'Aragão e Azevedo, D. Anna Fausta de Figueiredo e Aragão, D. Maria Augusta Couceiro Postsch, D. Henriqueta Laura de Barros e Mello.

E os srs.: Antonio José Ennes, Anselmo Baptista Lopes, Luciano Adelino Veiga da Cunha.

EPHEMERIDES SEMANAES

3 — Começa o leilão dos quadros do fallecido pintor Silva Porto.

4 — Chega a Lisboa o sr. Conde de Paris.

— Morte do prosador e poeta Luiz Augusto Palmeirim, director do Conservatorio.

5 — S. M. a Rainha, acompanhada por seu pae o sr. Conde de Paris, visita a exposição de faianças de Raphael Bordallo Pinheiro, na livraria Gomes.

6 — O sr. Jayme Batalha Reis realisa uma conferencia na Sociedade de Geographia ácerca dos vinhos portuguezes.

7 — Reune o conselho d'Estado, manifestando se favoravel á dissolução das côrtes por 6 votos contra 4.

— S. M. El-Rei recebe as credenciaes do novo ministro do Japão.

8 — Realisa-se na Sé a festa da Conceição, assistindo SS. MM.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

A assignatura de camarotes e de cadeiras de plateia no theatro de S. Carlos foi igual, se não excedeu, a da epocha passada. E não era de esperar que succedesse o contrario, em vista dos nomes que figuram no elenco da companhia e do gosto que o nosso publico tem sempre manifestado pela musica.

Os artistas devem chegar brevemente a Lisboa, e a abertura do theatro está designada para o dia 23, com a opera de Wagner — *Tanhauser*.

D. Maria

A reprise do *Alcacer-Kibir* tem continuado a attrahir a este theatro consideraveis enchentes de espectadores, que se não cançam de admirar e de applaudir o magnifico drama de D. João da Camara.

No proximo sabbado, subirá pela primeira vez á scena o *Casamento de Olympia*, para apresentação da gentil actriz Lucinda Simões.

Ainda a empreza não decidiu qual dos originaes portuguezes representará, depois da peça de E. Augier. Vae decidil-o em breve, começando os ensaios em seguida ás primeiras representações do *Casamento de Olympia*.

Colyseu dos Recreios

Despediu-se na quinta-feira do publico de Lisboa a companhia de opereta italiana, que tanto agradou no *Barbeiro de Sevilha* e na *Lucia de Lamermoor*. Por estes dias estreia-se ali uma companhia de opereta franceza, que será sem duvida muito apreciada, como o tem sido nos theatros em que tem cantado.

A actual empreza procede com acerto variando a natureza dos espectaculos. Assim á companhia de zarzuella, com que inaugurou a epocha, seguiu-se a companhia italiana e segue-se a esta a companhia franceza.

Consta-nos que os artistas, comquanto não sejam celebridades, teem todas as qualidades precisas para desempenhar correctamente os respectivos papeis, e para merecer os applausos do publico.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1